



RESENHA

RÊGO, Ana Regina; BARBOSA, Marialva. **A construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

Francinete Louseiro de Almeida¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.18764/2178-2865.v26n1p222-227>

Começo o meu texto com uma citação que me salta aos olhos e me instiga para a análise de tempos atuais.

Vivemos novos tempos sombrios. Tempos de destruição de direitos. Tempos de negação do outro. Tempos de intolerância política e religiosa. Tempos de violência. Tempos de feminicídios. Tempos de dominação da mente e do controle dos corpos. Tempos de combate à ciência. E não, não estamos na Idade Média, conhecida como Idade das Trevas. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 16)

A citação acima refere-se ao livro “A Construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas”, publicado pela editora Mauad X, no ano de 2020, e traz os achados da pesquisa de Pós-doutorado da Professora Ana Regina Rêgo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação da Professora Marialva Barbosa. Oriundas de pesquisas que destacam uma trajetória de pesquisas e estudos ligados à historicidade e historiografia, voltados para a história da comunicação, com vários artigos publicados em livros e revistas, no trabalho atual, as autoras enfocam que o texto construído na obra não é em si historiográfico, mas todo o trabalho de apuração e interpretação considera o momento enquanto histórico.

Em suas palavras, as autoras citam a metáfora da pandemia do coronavírus com a pandemia das informações falsas, pelo entendimento de que, ambas são mazelas amplamente

¹ Doutora em Comunicação Social pelo Programa de Pós Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, graduação em Comunicação Social - habilitação Relações Públicas pela Universidade Federal do Maranhão professora Adjunto I do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão/UFMA - habilitação Relações Públicas. E-mail: francinete.louseiro@ufma.br

disseminadas, e que um olhar contemporâneo as fazem observar a proliferação de narrativas mentirosas e de controle das emoções no ambiente do jornalismo.

Nossa investigação científica nos levou ao entendimento de um processo que conhecíamos por meio da historiografia e da historicidade das teorias da comunicação de massa, em que estruturas de poder, sobretudo em regimes totalitários e ditatoriais, manipulavam a sociedade por meio de técnicas psicológicas de controle de emoção das pessoas expostas a determinadas mensagens. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 17)

Na obra, é ressaltado que muitas dessas técnicas não são utilizadas como na década de 30, porém, na contemporaneidade elas são potencializadas e empregadas num mundo que tornou virtual a vida das pessoas, em que se utilizam cada dia mais dados do *Bigdata*¹ e da mineração para definir grupos de afinidades que recebem mensagens personalizadas. Apesar de que essas movimentações acontecem de forma virtual, elas tornam-se quando vemos hoje cada vez mais o inter-relacionamento entre os indivíduos e os campos da comunicação, da cultura, da política e o social. Os acontecimentos no mundo virtual estão cada dia mais presentes na vida real e no cotidiano dos seres humanos.

É esse contexto que as professoras Ana Regina Rêgo e Marialva Barbosa trazem para a pesquisa, buscando um entendimento da complicada atualidade que despeja a todo instante informações falsas na sociedade. Para tanto, as autoras optam em começar o trabalho com o conceito de democracia, mídia, poder e representatividade, título do segundo capítulo, no qual iniciam uma discussão a partir do triunfo da democracia liberal em detrimento de um sistema democrático. A insatisfação com esse sistema democrático leva à ascensão de líderes populistas e autoritários.

Na década de 1990 cerca de 34% dos jovens americanos apoiariam um líder autoritário sem parlamento ou eleições, contra 44% dos jovens entrevistados em 2011. No que concerne aos adultos, em 1995 cerca de 24% apoiariam um tirano contra 32% dos entrevistados na última pesquisa, apontando um crescimento no sentimento de ódio à democracia e de apoio a um regime totalitário no EUA. (RÊGO; BARBOSA, 2021, p. 23).

No geral, tais líderes populistas tendem a se articular a partir de um discurso demagógico, que prega um governo majoritário, excluindo o direito das minorias. “Jair Messias Bolsonaro, Boris Johnson e Donald Trump são exemplos de personagens que se destacaram nesse cenário de desilusão com a democracia liberal” (RÊGO; BARBOSA, 2021, p. 27). O que as autoras articulam buscar no segundo capítulo é o entendimento da relação entre mídia, política, democracia e poder. Fundamentadas em autores como Dunker (2019), Arendt (2009), Foucault (1999, 2010, 2014) e Rancière (2014), elas concluem que:

A democracia como modelo liberal encontra-se em crise. A representação política está em processo de contestação permanente. Os eleitos para os poderes Legislativo e Executivo pouco representam o povo e suas necessidades, embora tenham sido eleitos democraticamente. A população brasileira e, em grande medida, mundial não confia nem nos

RESENHA

políticos nem nos partidos. O processo de desconfiança é crescente e tem na raiz tanto as práticas corruptivas, agora não mais passíveis de se manter em segredo, como as fábricas de informações falsas que manipulam notícias e terminam por jogar todos no mesmo caldeirão da incredibilidade. (RÊGO; BARBOSA 2021, p. 50)

A partir dessa constatação da incredibilidade é que, no terceiro capítulo, as autoras discorrem sobre – Valores, verdades, acontecimento, informação e jornalismo. Iniciando a abordagem sobre o assunto, Ana Regina e Marialva, buscam na Filosofia com Descartes, a compreensão para além do método Cartesiano - “penso, logo existo”. O Filósofo que vivenciou tempos de crise deixou a dúvida como centro da construção do pensamento, “Esse filósofo duvida de tudo sobre o que em tese não poderia haver dúvida, e é duvidando que consegue chegar a uma proximidade com a verdade” (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 54).

Ainda sobre verdade, as autoras abordam Foucault (2009), que diz que em torno da verdade se buscam os consensos sociais e temporais e em Nietzsche se diz que é a vontade de verdade que guia os indivíduos em sociedade. Ana Regina e Marialva Barbosa chamam a atenção do leitor para o fato de que os métodos vão se articulando para que as construções de verdade sejam incontestáveis, porém a voz de Deus, que parecia estar enfraquecida, sempre permaneceu, mesmo que encoberta. A problemática dessa situação é a pluralidade de deuses e de vozes que surgem.

Considerando o que Foucault (2009) fala sobre um regime de verdade, as autoras afirmam que

Dentro do regime de historicidade da modernidade e a partir dos valores, alavancados por ela, como a objetividade e a imparcialidade em alguns casos, é que a ciência e os demais campos que se constituíram ou se modificaram a partir dos novos valores constituintes e circundantes ao campo da ciência, terminaram conquistando um *locus veritas*, tais como a academia, o jornalismo, o Direito e História. Entretanto, esse lugar encontra-se em permanente tensionamento e, na atualidade, em confronto com narrativas que procuram descredibilizá-los (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 61).

O conceito de verdade e imparcialidade sempre foi matéria muito discutida nos cursos de Comunicação Social – Jornalismo, por isso as autoras falam de um tensionamento. No entanto, o que se vê hoje está para além de tais discussões e se encontra na produção das narrativas falsas, as chamadas *fake news*. Ana Regina e Marialva Barbosa entendem que o desenvolvimento das *fake news*, bem como o próprio conceito de pós-verdade² estão diretamente ligados aos processos tecnológicos e à fantasia da obtenção de um poder de fala que as redes sociais carregam. Somada a isso, as autoras também abordam a proliferação das *fakes news* no contexto político e no fortalecimento de um conservadorismo que, na ausência de regulação nas plataformas digitais, leva a livre circulação de narrativas antiéticas e mentirosas.

Sobre a disseminação de narrativas falsas, as autoras fazem um capítulo intitulado – A construção intencional da ignorância, no qual elas começam abordando o livro *Agnotologia da construção e desconstrução da ignorância*, do historiador americano Robert Proctor da Universidade de Stanford, em parceria com Londa Schiebinger. Nas palavras das autoras “A agnotologia dedica-se a estudar os meios utilizados para a produção de um processo coletivo de ignorância no seio da sociedade [...]” (RÊGO; BARBOSA, 2022, p. 94).

Como exemplo do que é dito, Ana Regina e Marialva Barbosa citam as eleições de 2016 no EUA, as eleições de 2018 no Brasil e o caso BREXIT na Inglaterra.

Nesse capítulo, as autoras trazem a pesquisa de Zvereva (2018) que estuda a internet russa conhecida como Runet. De acordo com a pesquisadora, a Rússia tem se destacado como um país, entre os países europeus, que possui muitos usuários de internet, e essa ferramenta foi utilizada na primeira década do Séc. XXI, como uma forma de inserção da cultura Russa no mundo. No entanto, o que se percebe hoje é que esse espaço pode se tornar uma ilha incomunicável da rede mundial de computadores, pois o governo russo vem dedicando esforços para fazer da Runet um “[...] instrumento estatal de propaganda e contrapropaganda, dirigido tanto a russos como a usuários estrangeiros” (ZVEREVA *apud* RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 181).

As autoras ainda trazem, no quarto capítulo, alguns pontos importantes na discussão sobre a produção intencional da ignorância e citam a Cambridge Analytica, uma empresa de Robert Mercer e do estrategista Alexander Nix, que combinava *Big data* com mineração de dados e perfis psicológicos com o intuito de criar conteúdo específico para grupos. O objetivo principal da empresa não era apenas a combinação de dados, mas sim, como utilizar esses dados considerando principalmente o seu uso em campanhas eleitorais. De certa forma, tais conteúdos eram produzidos e direcionados para alguns perfis psicológicos que eram fáceis de manipulação. E, nesse contexto, as autoras buscam o conceito de sociedade do controle em Deleuze (1990), que nasce a partir de uma distinção em relação à sociedade disciplinar de Foucault (2002). Essa nova sociedade do controle vê o sujeito social desaparecendo e se transformando em dados e em um produto para o mercado virtual.

Marcados por números que vão do cadastro de Registro Geral, passam pelo cadastro de Contribuinte Pessoa Física, pelo cadastro do Sistema Único de Saúde e nos levam aos números de cada cartão de crédito ou débito, assim como contas bancárias e todas as movimentações do sistema financeiro das quais participamos, terminamos de modo crescente nos transformando em números e senhas. (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 126).

Encerrando o capítulo quatro, as autoras retornam aos conceitos de Foucault (2002) – sociedade disciplinar e de Deleuze (1990) – sociedade do controle e lembram que entre uma sociedade e outra, houve um processo de mutação. Antes, na sociedade do controle, era necessário o isolamento

social do indivíduo que havia cometido um delito; na sociedade atual a vigilância acontece por todo e qualquer tipo de movimentação dos sujeitos a partir dos seus avatares virtuais ou mesmo, pelas suas caixas de correio eletrônico.

No quinto e último capítulo do livro, Ana Regina e Marialva Barbosa trazem aos leitores a interpretação de um universo de *fake news* que desempenhou um importante papel junto ao eleitorado no pleito eleitoral de 2018. O processo interpretativo escolhido pelas autoras se fundamentou na Hermenêutica da Consciência Histórica – HCH, de Paul Ricoeur. Na HCH, Ricoeur busca transcender o passado como algo que já não existe mais e mostra uma mudança de postura em relação à tridimensionalidade temporal. Numa refiguração da experiência temporal, Ricoeur chega ao que denomina perspectivas fraturadas que indicam um *ser-afetado-pelo-passado*. Na HCH a tradição é vista como “elemento que procura relacionar o futuro ao passado de forma tensionada com o presente” (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 133). As análises apresentadas no capítulo se baseiam numa amostra não probabilística e intencional, considerando as narrativas falsas que tiveram maior abrangência e reflexividade pública. Ressalta-se, também, a importância dos atores políticos envolvidos no processo de criação, construção e divulgação das informações falsas.

A primeira *fake news* que aparece no quadro de amostra intencional de interpretação é o famoso *kit gay*, que teria sido distribuído na gestão do então Ministro da Educação, Fernando Haddad. Em entrevista ao Jornal Nacional, de acordo com as autoras, Jornal de maior audiência no Brasil, o ainda candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro, apresentou o livro *Aparelho Sexual e Cia*, de autoria de Hélène Bruller e Phillipe Chappuis, como parte integrante do *kit gay*, e ainda gravou vários vídeos, colocando o ex- ministro, Fernando Haddad, também candidato à presidência, como o responsável pela criação do kit. A partir daí o que vemos é, além da proliferação dessa falsa informação pelas redes sociais digitais, surgem também outras narrativas falsas baseadas na ideia ridícula de que, a partir do *kit gay*, a orientação sexual das crianças seria direcionada para um mundo homossexual.

Na refiguração da narrativa sobre o *kit gay*, supõe-se que, os brasileiros e brasileiras que acreditaram nessa má e falsa narrativa, que circulou principalmente através de grupos familiares pelo *WhatsApp*, abominam a proliferação do homossexualidade no Brasil e cultivam a ideia de que a criança, por ser vulnerável, deve ser protegida. O *ser-afetado-pelo passado*, em Ricoeur “se manifesta nos dois polos da recepção da narrativa e o faz reconfigurá-la como uma afronta imoral à sociedade” (RÊGO; BARBOSA, 2020, p. 145). Aqui se percebe que, na cabeça de tais indivíduos, o que mais lhes interessava era a preservação dos valores que desejam para as crianças no Brasil. No entanto, e em

contraponto, o empenho em defender crianças brasileiras não acontece quando são noticiadas informações sobre maus tratos, violência e trabalho escravo infantil.

Finalizando o livro das professoras Ara Regina Rêgo e Marialva Barbosa, importa-nos registrar que as autoras evocam uma esperança quando relatam a ação do *Sleeping Giants*, organização liberal de ativistas digitais, que denunciam empresas que financiam sites produtores de informações falsas. Há esperança também de que seja aprovada uma legislação e regulamentação direta a possíveis punições para esse tipo de prática. No nosso entendimento, as práticas de produção e circulação das *fake news* devem ser combatidas pela força de lei, mas principalmente, a partir dos usuários das próprias redes sociais. É sabido que o falso poder que as redes colocam nas mãos de pessoas comuns levam muitos a terem suas vidas rechaçadas e seus cursos alterados. Basta ver os cancelamentos que algumas pessoas públicas sofrem por intermédio das redes sociais. No entanto, ainda enquanto esperança, sabemos que as redes estão povoadas por grupos e pessoas do bem que buscam informar e cultivam a verdade dos fatos. Num ano de eleições presidenciais, nossa avaliação é de que o livro “A Construção intencional da ignorância: o mercado das informações falsas”, das professoras Ana Regina Rêgo e Marialva Barbosa, nunca esteve tão atual e com uma leitura tão necessária.

Notas

¹ Em linhas gerais define-se como a capacidade de processamento e armazenamento de um grande número de informações.

² [...] circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (Oxford Dictionares, apud D’Ancona, 2018 p. 20)